

MORTE E VIDA NAS GRANDES CIDADES NA PEÇA “O ARQUITETO”, DE RUI TAVARES

Letícia Krentkoski * (IC), acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo no Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo, da Universidade Estadual de Goiás, bolsista pelo programa PBIC/UEG, leticiakre@outlook.com.

Câmpus Anápolis CCET/UEG

O trabalho enfatiza e traz como eixo estruturador a obra de Rui Tavares, escritor e historiador português, *O arquiteto*, assim como outras duas obras escolhidas, Jane Jacobs com *Morte e Vida de grandes cidades* e a obra do Jan Gehl, *Cidade para pessoas*. Os autores abordam temas semelhantes, com formações profissionais diferentes, assim como a época e o formato publicado, consequentemente sob perspectivas diversas. O levantamento proveniente das leituras realizadas deve responder aos questionamentos em relação ao modernismo, abrangendo temas como a generalização do usuário, o extremismo do funcionalismo, o arquiteto no papel da “criação divina” do espaço urbano e a modificação da demanda por projetos - a relação do público-privado. Além de enfatizar a discussão da arquitetura como obra de arte e não como um espaço voltado para o usuário, uma escultura com o papel somente mercadológico e estético.

Palavras-chave: Modernismo. Arquitetura contemporânea. Urbanismo. Usuário.

Introdução

A prática do urbanismo atual tem sua raiz no século 19, com discussões complexas entorno de como planejar o futuro das cidades espacialmente, iniciadas com Ildefonso de Cerdá e seu plano para Barcelona, englobando a influência do meio construído nas relações sociais, marcadas pela forte presença de Georg Simmel, como primeiro cientista social a se dedicar à análise da cidade. Além disso, conta com a inclusão da dimensão espiritual e cultural que o lugar agrega ao seu usuário, uma concepção defendida por jovens arquitetos no século 20.

Ambos os fatos influenciam e integram diretamente o cenário de contestação que a arquitetura moderna e seus críticos passaram, sempre resultou na produção de obras, não só construídas, mas também redigidas com o objetivo de defender um certo posicionamento. Dentre as diversas produções resultantes desse debate, uma delas foi o livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, de Jane Jacobs, e a outra a peça teatral *O arquiteto*, de Rui Tavares, que tratam do urbanismo e da arquitetura

mostrando, cada um à seu modo, o ponto de vista ora do ocupante ora do projetista em relação à arquitetura e as relações sociais resultantes.

Autora do primeiro título exposto, Jane Jacobs tem naturalidade norte americana e discorre sobre o urbanismo do ponto de vista do indivíduo ocupante do espaço urbano, desconectado dos estudos arquitetônicos. Nascida em 1916, viveu até os seus 99 anos, e permaneceu nos Estados Unidos por toda sua vida, carregando consigo um olhar crítico a respeito das práticas arquitetônicas do seu ambiente de vivência, marcadas predominantemente pelo movimento moderno.



Figura 1: Jane Jacobs autora de *devida e Morte de Grandes Cidades*

FONTE: ARCHDAILY, 2012.

A obra publicada em 1961, primeira de sua carreira de jornalista autodidata, evidência o olhar totalmente subjetivo da autora sobre a cidade como um equipamento urbano tendo direta interferência no cotidiano do habitante. Através de críticas aos mais importantes símbolos da arquitetura moderna, como Howard e Le Corbusier, aplicando-as na compreensão dos fenômenos urbanos mais decorrentes nas grandes cidades, como a insegurança das ruas e a falta de vitalidade de certos lugares. Lutou contra os princípios pregados pelo modernismo no que dizem respeito ao paternalismo e autoritarismo, forma que é alcançada através da separação de usos, a desconsideração pela vida cultural urbana e no tratamento do urbanismo como organismo estático.

Outro fato diverso em sua obra é a discussão sobre o uso das calçadas e a importância das figuras públicas. Ambos quando bem trabalhados e cultivados induzem a uma vitalidade urbana maior, por reafirmar o caráter local e dos moradores (além da segurança), e são quesitos não encontrados em conjuntos habitacionais. Nesses novos centros de habitar os moradores são trazidos de diferentes lugares e acabam não tendo um vínculo de ligação entre si, sem mencionar o partilhamento obrigatório ou exclusão, atitudes que forçadamente acabam acontecendo em decorrência da ambiência criada nesse tipo de ambiente.

Em obras novas, nessa escala de bairro, não existe a coexistência de edifícios de períodos diferentes, conseqüentemente de moradores mais antigos. Isso não traz multiplicidade e diversidade para o conjunto, ao contrário, instigam a monotonia e a falta de figuras públicas características do local.

Rui Tavares decidiu abordar as discussões do tema em questão, em sua peça teatral enfatiza a perspectiva do projetista a respeito do complexo campo da criação arquitetônica e, a relação que o criador estabelece com o objeto, como o produto final gerado por meio de seu personagem principal, Minoru Yamasaki.

Com publicação no ano de 2008, a obra retrata a multiplicidade presente no empenho de projetar em contextos temporais que envolviam questões sociais e políticas, como a segregação racial, e sua interferência direta na concretização do projeto. Divide-se em dois atos, sendo retratado primeiramente um diálogo entre os dois personagens de maior destaque, Yamasaki e Moreland Griffith Smith, a respeito da implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe e a trajetória de vida de ambos arquitetos.



Figura 2: Rui Tavares autor da peça teatral *O Arquiteto*.

FONTE: AVENTAR, 2017.

Da “ética para a estética”, Yamasaki faz sua trajetória profissional saindo da produção arquitetônica voltada para as minorias da sociedade, financiadas pelo governo, e segue em direção para a produção que contempla as classes economicamente superiores. Personifica e vivencia todas as dificuldades de produzir uma arquitetura de qualidade sem a garantia de um financiamento e execução adequados.

No sentido contrário, Moreland decide largar sua produção elitizada para lutar e reivindicar os direitos dos menos favorecidos, dentro do contexto segregacionista. Dessa forma, o personagem descrito como o “outro lado do espelho” de Minoru inicia a carreira política e docente no intuito de proporcionar possibilidades mais igualitárias para a população, seja no acesso a educação ou na produção arquitetônica. Com isso, mostra o lado social da profissão, que tem como princípio ético prezar pela qualidade do espaço para todos, igualmente.

Mais tarde mostra as ações inesperadas que o tempo, relacionado aos julgamentos críticos para com a obra, pode trazer substituindo uma excelente resposta à necessidade inicial e, a sua completa rejeição e desprezo quando analisado em outras verdades sociais e, sendo palco de fenômenos sociais críticos para a convivência coletiva. Uma das falas do livro exemplifica parte dessa afirmação, quando aponta para o fato de que “os engenheiros desenham as bombas, e os arquitetos desenham os alvos”.

Seu ato consecutivo passa-se na inauguração de um projeto de reconhecimento internacional, o World Trade Center, financiado por um magnata do ramo empresarial e com influências políticas consideráveis. Apenas com sua participação no financiamento do projeto foi possível realizar inovações técnicas e a construção em uma escala tão significativa, de modo diverso de Pruitt-Igoe que vinha de uma demanda e custeamento público.

Coincidentemente, o inventor da tecnologia que foi aplicada pelo engenheiro no edifício, a construção de torres com grandes alturas, era de origem muçulmana, a mesma do motivador de sua destruição.

Nessa parte do livro é discutido a reviravolta dada por Minoru em sua carreira, em que ambas obras, destacadas na obra de Rui Tavares, tiveram um fim

trágico e, dessa mesma forma, trouxeram o reconhecimento para seu autor, um arquiteto conhecido por obras que não existem mais.

Material e Métodos

Os procedimentos metodológicos utilizados visam realizar um levantamento bibliográfico na leitura de três autores e obras, tendo como base o livro *O Arquiteto de Rui Tavares*, e como bibliografia complementar a *Morte e Vida de Grandes Cidades*, da jornalista Jane Jacobs, e *Cidades para Pessoas*, Jan Gerl.

Resultados e Discussão

Com um amplo aparato argumentativo desfavorável a respeito do modernismo, Jane Jacobs descreve, sob sua perspectiva jornalística americana, a maneira com que os usuários se relacionam e se apropriam das cidades, com o produto do planejamento arquitetônico da corrente vigente, denominados por ela como “modernos e ortodoxos”.

Sua crítica é reconhecida pela singularidade com que aponta todos os pormenores gerados pelo projeto urbano, inserindo-se como indivíduo incorporado no meio modificado, e sustentando a defesa de áreas, além de humanizadas, dinâmicas e de uso misto. *Morte e Vida de Grandes Cidades* tem como contribuição principal, para o campo arquitetônico e urbanístico, expor o produto de certas decisões pregadas pelo modernismo e seus impactos subsequentes na sociedade que nele vive.

Transitando da perspectiva expositiva de Jacobs e para a analítica de Jan Gehl, influente arquiteto dinamarquês com ênfase no urbanismo, *Cidades para Pessoas* apresenta dados gráficos que guiam o profissional para uma melhor compreensão do funcionamento do organismo urbano. Embasado em pesquisas e levantamentos, teóricos e práticos, a obra exalta a importância da qualidade espacial como influência direta na vivência dos usuários e, conseqüentemente, em seu bem-estar. O autor, de maneira análoga a Jane Jacobs, utiliza o posicionamento do leitor no papel de usuário/pedestre fazendo-o percorrer desde a escala arquitetônica aplicada, a presença ou ausência de sinalização e a segurança urbana.



Figura 3: Jan Gehl.

FONTE: AUPINI, 2011.

Tendo em vista que, ao analisar a revisão bibliográfica, ambas obras de Jacobs e Gehl fazem uma crítica direta a produção modernista do espaço urbano. A jornalista fundamenta seus argumentos com base na atualidade que vivencia, o modernismo, enquanto Gehl realiza sua análise sobre contexto contemporâneo, após a superação do modernismo, tendo um olhar de fora do movimento.

Em sua obra Rui Tavares trás o cotidiano de um profissional atuante no movimento moderno, exemplificando as diretrizes modernista que guiavam o projeto, como quando o personagem explica o papel do arquiteto afirmando: “Não sou político nem sociólogo. Não compete a mim curar os males da sociedade...Os males da sociedade não se curam com edifícios bonitos”. Até mesmo quando esclarece, em seu ponto de vista, a função da profissão: “Um arquiteto não é exatamente um criador, mas um organizador: separa, sintetiza, dispõe, arruma”.

Sobre um olhar imparcial, apenas com foco narrativo, o autor descreve o empenho do arquiteto na criação de suas obras, apesar do destino delas. Uma das obras mais relevantes é o edifício Pruitt-Igoe, que mesmo com várias premiações e reconhecimentos, na pratica não obteve sucesso, decorrente por fatores que Jacobs juntamente com Jan apontam, paralelamente em suas obras, como falhas no movimento. Dentre elas, a projeção do programa visando o funcionalismo em detrimento do usuário, de forma mecânica e racional, gera espaços sem apropriação e ligação, mesmo o arquiteto tendo boas intenções.

“Quando desenhei Pruitt-Igoe, há mais de vinte anos, quis dar o edifício mais moderno possível à população, por mais desfavorecida que essa

população fosse. No fundo, tentava pôr a arquitetura um passo à frente da história.” (O Arquiteto, 2008)



Figura 5:

Foto aérea do conjunto habitacional Pruitt-Igoe.

FONTE: PRUITT-IGOE, 2017.



Figura 6: Implosão do conjunto habitacional Pruitt-Igoe.

FONTE: ARCHDAILY, 2013.

Esse acontecimento é demonstração de que espaços criados para pessoas diferentes, sem levar em consideração a imprevisibilidade natural, acabam por forçar um molde pré-estabelecido para um usuário ideal, enquanto o espaço deveria surgir a partir da singularidade de cada indivíduo. É importante ressaltar que o contexto no qual o arquiteto estava inserido, o pós-guerra, o conduziu para um pensamento que prezava obras rápidas e de baixo custo, gerando um usuário generalizado. Em sua

obra, Jacobs explana sobre as zonas de fronteiras, de diferentes origens, e sua ação no tecido urbano, variando conforme a significação que lhe é dada, a partir de sua conformação espacial, desde uma barreira até de “costura” ou ponto de passagem.

Em contraponto o World Trade Center, obra do mesmo arquiteto, foi construído a partir de uma demanda mercadológica, não visando o usuário, mas um espaço genérico que forneça capital. O produto desse tipo de arquitetura são edifícios como obra de arte em que o arquiteto tem a liberdade de criação formal e técnica, mas além de altos custos, o lugar não estabelece ligações com seu utilizador.

“...qualquer monumento do passado traz consigo a marca do poder. As pirâmides são a pegada dos faraós, a coluna de Trajano corresponde aos imperadores romanos, o Arco do Triunfo é de Napoleão etc. O arquiteto desenha, mas, sem saber, a alma que põe lá dentro é a dos governantes, dos poderosos ou dos magnatas do seu tempo. A questão que se coloca, que eu me coloco, e como fazer um monumento que tenha a marca dos nossos tempos...”. (*O Arquiteto*, 2008)



Figura 7: Minoru Yamasaki e a maquete do World Trade Center.

FONTE: ARCHDAILY, 2015.

Considerações Finais

No decorrer do andamento do trabalho foi identificado uma similaridade entre as duas obras, o fato de abordarem o fim. Seja das cidades, apontado por Jacobs, ou de um condomínio habitacional como o Pruitt-Igoe, as consequências finais são o

descontentamento por parte dos próprios usuários, a inadequação do traçado modernista com o funcionamento natural da cidade/ambiente.

Em relação ao que foi concluído destaca-se uma discussão sobre o ensino acadêmico, referente a maneira com que as diretrizes projetuais estão sendo consideradas e priorizadas no decorrer do aprendizado. Cabe salientar a importância de privilegiar o usuário invés do traço esteticamente agradável ou irreverente, para isso explorar o conhecimento e entendimento do funcionamento dos centros urbanos, seja qual for sua escala, é de grande relevância para o profissional que deve responder às necessidades humanas e não apenas técnicas.

Os teóricos do campo arquitetônicos mencionados nesse trabalhos tem a humanização dos espaços como caráter semelhante, já o personagem da peça teatral, Minoru Yamasaki, aqui representa a figura do estruturador, aquele que tem como “missão” materializar e integrar a humanização das cidades com o funcionalismo necessário ao organismo como um todo. É exatamente essa árdua tarefa, transcrita para uma escala menor –a arquitetônica-, que é tratada por Rui Tavares, não só expondo o profissional, mas alcançando o êxito de mostrar a integração dos programas e das adversidades sociais que o cercam, seja no desenvolvimento do produto final ou na sua própria vivência.

Dessa forma, a leitura de todas as obras aqui listadas proporciona um entendimento aprofundado não só de questões passadas do campo arquitetônico, mas sim de problemáticas urbanas atuais e futuras cada vez mais necessárias. A contribuição dessas ampara uma ampla discussão voltada para o sentido contrário a morte da cidade, a sua adaptação e revitalização a partir de um olhar voltado para o nascimento de uma arquitetura nova.

Referências

ANTUNES, Bianca. **Jan Gehl fala sobre cidades e escala humana.** Portal eletrônico AuPini, dezembro de 2011. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/215/jan-gehl-fala-sobre-cidades-e-escala-humana-250160-1.aspx>>.

BARATO, Romullo. **Em foco: Minoru Yamasaki.** Portal eletrônico Archdaily Brasil, 1 de dezembro de 2015. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/758341/em-foco-minoru-yamasaki>>.

BORTOLUZZI, Camila. **Quem é Jane Jacobs?**. Portal eletrônico Archdaily Brasil, 3 de outubro de 2012. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em < <http://www.archdaily.com.br/br/01-73577/quem-e-jane-jacobs>>.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. Editora Perspectiva – 3 edição. São Paulo, 2015.

GODOY, Heleno. **Ensaio sobre teatro: por um estudo teórico do texto dramático**. Editora Kelps. Goiânia, 2016.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Editora WMF Martins Fontes - 3ª edição (coleção cidades). São Paulo, 2011.

LOOBY, Marissa. **Rise of The New Radical Pragmatist**. Portal eletrônico Archdaily, 12 de dezembro de 2012. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em < <http://www.archdaily.com/454645/new-radical-pragmatism-the-21st-century-s-emerging-style>>.

NABAIS, Antonio Fernando. **E se os linguistas dão alarme? Dêem ouvidos**. Portal eletrônico Aventar, 10 de fevereiro de 2017. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em < <https://aventar.eu/tag/rui-tavares/>>.

PRUITT-IGOE. **Public housing has a bad name**. Portal eletrônico Pruitt-Igoe, data de publicação não identificada. Acessado em: 28/06/2017. Disponível em < <http://www.pruitt-igoe.com/urban-history/>>.

TAVARES, Rui. **O Arquiteto**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.